

Hipólito Raposo

seminarista na Guarda (1902 - 1904)

[CARTAS DE HIPÓLITO RAPOSO
AO BISPO D. MANUEL VIEIRA DE MATOS]

«Folhas do meu cadastro»

A imagem de Hipólito Raposo (13.2.1885) — 26.8.1953) na literatura e nas ideias portuguesas é a de um autor clássico integralista — monárquico em política, católico em religião. Entre muitos da sua geração caminhou, por isso, em diferente ou inverso sentido. Em página onde evoca o ambiente universitário coimbrão (no lustro que decorre entre os anos lectivos de 1906-1907 e 1910-1911) este «beirão robusto e enorme»¹ descreve como, «despertados para a vida do espírito em tão viciado ambiente, todos os rapazes desse tempo iam sendo preparados para republicanos»². Uma das causas desta evolução mental em política é por Hipólito Raposo explicada pela influência dos livros. Segundo informa, «nas livrarias, no Choupal, e nos serões das repúblicas, discutiam-se Spencer, Nietzsche e Max Stirner, Littré, Le Dantec e Bergson»³. Esta base literária e ideológica supunha uma disponibilidade de espírito para as opções modernistas — a República em política, o agnosticismo em religião, o socialismo em economia, a revolução em sociologia. Não obstante, este jovem beirão de vinte anos, na flor da idade, concretiza uma

¹ Júlio Dantas, prefácio a Hipólito Raposo, *Coimbra Doutora*, p. XI.

² Hipólito Raposo, *Folhas do meu Cadastro I*, p. XIII.

³ *Id. ib.*, p. XIV. Alfredo Pimenta deixou um testemunho análogo sobre as leituras coimbrãs, nesta época. Cf. *Estudos Filosóficos e Críticos*, p. XXVII.

escolha e define um itinerário mental e uma formulação filosófica, que de todo em todo o distanciam das maiorias da sua geração, a par delas integrando a minoria monárquica e católica.

Esta minoria não se apresentava, todavia, unitária. No meio coimbrão houve lugar e tempo para duas espécies de catolicismo. A um lado, os jovens católicos, que não faziam questão de regime, e que se agrupavam segundo os ditâmes da doutrina social da Igreja e do magistério político de Leão XIII — e formavam o Centro Académico de Democracia Cristã (C.A.D.C.) apadrinhado pelo professor Francisco de Sousa Gomes e por D. Ludovina Neves, que apoiavam a espiritualidade dos jovens católicos, os motivavam para uma diferente inserção na complexa praxe universitária coimbrã e os orientavam para uma previsível intervenção política e social⁴. A outro lado, entre os motivados pela política, iam surgindo os «reaccionários», os que recusavam a República e supunham o revigoramento da Monarquia pela presença da tradição integral, em que se achava, como dado necessário, o catolicismo. Eram os monárquicos, por vezes neomonárquicos, abandonadores da primaveril opção republicana, como António Sardinha. Hipólito Raposo deixou-nos uma sumária descrição desta fenomenologia coimbrã. Diz: «os rapazes católicos declaravam-se democra-cristãos no sentido da encíclica de Leão XIII, vivendo de acordo e em relações com os neomonárquicos e com muitos facilmente confundíveis, pois era pequeno o seu número»⁵. Os neomonárquicos eram em menor número do que os afirmantes de um puro catolicismo. Já então se desenhavam as linhas de confronto entre certo «primado da política», que os integralistas supuseram, e o «primado da religião», anteposto pelos democrata-cristãos de Coimbra, que, anos depois, teriam peso essencial na origem e no funcionamento do Centro Católico Português onde, a princípio, se juntaram católicos sem inte-

⁴ P. Gomes, *Política e Acção Social Cristãs em Portugal* (1830-1980), p. 29. A leitura integral da revista *Estudos*, editada pelo C.A.D.C., é imprescindível para o conhecimento da história deste organismo.

⁵ H. Raposo, *Folhas do meu Cadastro I*, p. XVI.

resse pelo regime, e monárquicos com interesses católicos, e onde, por fim, acabaram por se cindir. Os precursores do Integralismo Lusitano não se igualavam, porém, aos ceadecistas. Segundo Hipólito Raposo, «éramos pos Deus e pela fé de Cristo. Reclamávamos liberdades, privilégios e subsídios para a Igreja Católica em regime concordatário, a manutenção dos deveres e privilégios do Padroado do Oriente, a liberdade de ensino e de associação religiosa, para os institutos monásticos de qualquer estatuto ou regra ... Assim, por conclusão lógica e serviço do maior bem nacional, por imperativo de ordem prática, tínhamos de ser pela Monarquia contra a República»⁶. Deste modo, os monárquicos católicos distinguiam-se dos católicos democráticos, e abriam o caminho para um ideário político e para uma militância ideológica, essa que veio a substanciar-se no Integralismo Lusitano, depois que a unidade entre os integralistas de Coimbra, da Figueira da Foz e da Bélgica se tornou uma realidade⁷.

Hipólito Raposo mudou, em Coimbra, algumas vezes de residência⁸, mas depois de escolher um caminho, permaneceu nele até à morte. Foi estudante distinto e curioso, chegando a frequentar, como voluntário, a Cadeira de Grego (1907-1908) na Faculdade de Teologia, o que lhe foi de muita utilidade para a sua futura carreira de mestre de Teatro e de Estética teatral. Sai de Coimbra, licenciado em Direito, com 15 valores, justamente no ano em que, à cidade universitária, chegou o homem com quem Hipólito Raposo nunca se entenderia — António de Oliveira Salazar⁹. Ele, que afirmava uma grande comunidade espiritual entre integralistas e católicos veio a ter, em Salazar, a excepção. O seu principal companheiro veio a ser António Sardinha, apesar de outros nomes — Carlos de Azevedo Mendes, Luís Cabral de Mon-

⁶ Id., *ib.*, p. XXXII.

⁷ Leão Ramos Ascensão, *O Integralismo Lusitano*. Lx.^a, 1943. Cf. Pinharanda Gomes, *Dicionário de Filosofia Portuguesa*, p. 130.

⁸ Residiu, segundo consta do *Anuário da Universidade de Coimbra*, nas seguintes moradas: Rua das Flores, 15; Rua do Borrvalho, 29; Couraça dos Apóstolos, 25; e Rua dos Militares, 49.

⁹ Cf. *Anuário da Universidade de Coimbra*, anos de 1905 a 1911

cada, Martinho Nobre de Melo, Joaquim Diniz da Fonseca — aparecem entre os seus condiscípulos.

Hipólito Raposo vinha a recusar uma filiação democrático-cristã, mas vinha, por igual modo, a confirmar a sua plenitude de membro da Igreja. Como assim? Que fundas raízes de germinação católica havia no seu espírito, que venceram as dificuldades e agruras que, num dado momento da sua vida, jovem de 17 anos, o açoitaram? Hipólito Raposo aceitava a Igreja mas recusava participar de um movimento nacional, empenhado na política mas indiferente à Monarquia, em que sobressaía, como pensante cabeça, o arcebispo-bispo da Guarda, D. Manuel Vieira de Matos. Com efeito, o escritor integralista correu graves riscos morais, por isso que a sua opção católica tem superior mérito.

Os acontecimentos que rodearam a sua adolescência, e que adiante tentaremos reconstituir, foram de molde a impeli-lo para a negação. Hipólito Raposo, que publicou as suas memórias — *Folhas do meu Cadastro*¹⁰ — teve as suas razões, que não explicou, para omitir os acontecimentos anteriores a 1911. A narrativa memorial é iniciada quando, saído de Coimbra, chega a Lisboa em Novembro de 1911 e, em Janeiro de 1912, enceta a carreira como professor provisório do Liceu Passos Manuel. Ignoramos as causas que levaram Hipólito Raposo a omitir, nas suas memórias, os anos que vão de 1903 a 1911, já que isso seria deveras útil para a reconstituição de parte da história da sociedade portuguesa da época e da vida seminarial na Guarda, no começo do século XX. Decoro? Pejo? Prudência? Decisão de quem perdoou e quiz dar provas de já ter esquecido, porque perdoar é esquecer? Com a maior flexibilidade de consciência, aceitamos esta última hipótese. Nesse caso, porque recordar páginas verdadeiramente cadastrais?

Temos consciência dos perigos, no momento em que decidimos exumar o passado. A primeira vista, julgar-se-á que esta exumação pode enfarruscar as faces de dois homens

¹⁰ O primeiro volume (1911-1925) saiu em Lx.^a, 1945; o segundo, (1926-1952) é edição póstuma. Lx.^a, 1986.

tão notáveis como o escritor Hipólito Raposo e como o bispo da Guarda, Manuel Vieira de Matos. Na verdade, um acidente de percurso não enfarrusca ninguém. Pelo contrário, serve para lição moral aos vivos. A grandeza de tais personalidades parece exigir que a memoração se faça, para que as vidas de ambas se nos apresentem sem ocultos recessos. O tema releva de interesse cultural e social, e apenas nesta perspectiva de interesse o olhamos. É um facto da vida da diocese da Guarda, em momento conturbado.

Seminarista na Guarda

A história começa em S. Vicente da Beira, vila, antiga sede de concelho, com seus pergaminhos adormecidos sob a protecção do orago paroquial, Nossa Senhora da Assunção, ali nas faldas da Gardunha, na margem esquerda da Ribeira da Ramalhosa, que corre para o Ocreza. Filho de João Hipólito Raposo, agricultor beirão como tantos outros, e de sua mulher, o jovem José Hipólito Raposo chegou ao ano de 1902, estudando. Completara dezassete anos de idade. A educação do jovem fez-se em ambiente clerical. Segundo nos informou D. Teresa Maria Raposo Martins de Carvalho, filha de Hipólito Raposo, este tinha um irmão mais velho do que ele em 12 anos. Era o P. Domingos Raposo, que foi pároco em Orjais e Ninho do Açor, e, mais ao tarde, ainda que por breve tempo, pároco de S. Vicente da Beira. O P. Domingos estudara com os Jesuítas no Colégio de S. Fiel (Louriçal do Campo). Outro sacerdote, residente naquela vila, conhecido por *Pad'Zé*, também colaborou na instrução de Hipólito Raposo que, além disso, tinha um tio, Francisco, professor em Escalos de Baixo, que o preparou para a matrícula no Seminário, ainda que também pudesse entrar em S. Fiel. Em termos de custos foi, porém, mais prudente e acessível que o jovem José Hipólito efectuasse os preparatórios na terra natal. Estava em família, não tinha de pagar pensões, nem de efectuar viagens, e o tio Francisco dispunha de saber e de autoridade para o apresentar a matrícula no Seminário da Guarda. Os preparatórios consideravam-se concluídos na segunda época de 1902, era bispo egitaniense o

modesto, ainda que aguerrido, D. Tomaz Gomes de Almeida que em breve, achado por moléstia inatacável, renderia a sua alma, era o dia 3 de Janeiro de 1903, perante a compaixão da cidade da Guarda, onde era considerado, estimado e respeitado¹¹. José Hipólito deve ter conhecido D. Tomaz, primeiro na incerta data em que recebeu o sacramento da confirmação, pois que o velho pastor visitou, qual Frei Bartolomeu por serras de Barroso, toda a sua diocese, com tantas paróquias quantos dias tem o ano e, depois, no Seminário. O ambiente eclesial sob o pastoreio de D. Tomaz era peculiar — apolítico, tolerante, conservador, com muitos padres «velhos», isto é, padres que pouco ou nada haviam mudado em suas prédicas, apesar da influência dos papas modernos, sobretudo de Leão XIII. A diocese tinha um grave problema, o do Seminário. Desde o já longínquo episcopado de D. Manuel Martins Manso († 1878) que as reformas haviam sido tentadas. O sucessor, D. Tomaz, iniciou obras no vestuto edifício que D. Nuno de Noronha mandara construir no século XVI, mas as exigências da vida moderna não achavam resposta adequada naquele edifício. Problemas maiores eram, não obstante, o pedagógico e o didáctico. Seminário episcopal, mas sem sacerdotes para professores de todas as disciplinas, havia de se recorrer a professores estranhos, alguns deles leigos e, ainda por cima, leigos de nulo compromisso eclesial. Sem uma escola preparatória, os alunos chegavam a Teologia, vindos das suas terras, com deficiente preparação cultural e, sobretudo, sem espírito de disciplina seminarial, factor de primeira para a composição do perfil do padre católico¹². Um que outro já teria sido picado pelas víboras da vida. O nível pastoral dos formados pelo Seminário da Guarda não era, de modo nenhum, adequado aos novos tempos.

Claramente vocacionado, ou deficientemente esclarecido quanto à vocação, um jovem de S. Vicente da Beira dava entrada neste novo horizonte. Em 13 de Junho de 1902 prestou provas de admissão, tendo sido o mais classificado dos

¹¹ P. Gomes, *D. Tomaz Gomes de Almeida, Bispo de Angola e da Guarda*. Braga, 1979.

¹² P. Gomes, *História da Diocese da Guarda*, Braga, 1981, p. 253 e ss.



O auctor do prologo:
Apos senhores: apresento-thes um raposo... litterato!

Caricatura de Hipólito Raposo, observado por Júlio Dantas
(Jornal Notícias da Guarda, Ano IV, n.º 191, de 26.5.1910)

candidatos, pelo que foi admitido ao primeiro ano do Curso Teológico.

José Hipólito era um jovem de dezassete anos. Alto, robusto, de bom parecer, feitio aberto e franco, não se inibindo de dizer o que pensava. Na certa ingenuidade de jovem chegado de uma vila do interior, quase aldeã, não teria, sem dúvida, o necessário discernimento para identificar a oportunidade de falar. Tendo feito leituras que outros alunos teólogos não tinham, conhecia alguma literatura moderna, e sabia de cor nomes de ideólogos, tidos e havidos como revolucionários, ou, no mínimo, como modernistas. O seu pendor político já se fazia sentir, e ousava afirmações sobre

problemas sociais e questões políticas. As tantas, mostrou indícios de cansaço, talvez de tensão nervosa, e o professor do Seminário, também médico, dr. Amândio Paúl, receitou-lhe um modo de vida calmo, sem correrias, nem saltos, nem recreio esforçado. Teria sido adequada terapêutica para um jovem estuante de vida? Imaginamos José Hipólito, nas horas de recreio, parado, certamente solitário, vendo os colegas correndo, saltando, jogando, gastando energias. Que sucedâneo? Um aluno que jorrava força, que a não gastava fisicamente, teria de a concentrar em mais intensa vida mental. Provocar conversas, atrair condiscípulos para conversas, tornar-se o animador de grupos conversadores surgia, deste modo, como o sucedâneo inevitável. Assim destruía a solidão a que a terapêutica do dr. Paúl certamente o votava. E, com efeito, logo se tornaram notados os grupos que, ou no recreio, ou no pátio, ou no claustro, ou, até, junto a uma janela, se formavam, escutando as perorações de José Hipólito, centradas na literatura, na política, na opinião religiosa. Este facto é de reter: o da sua capacidade de formar opinião e de a transmitir a jovens que, ou por gosto o escutavam, ou, por curiosidade, dele se aproximavam. Nestas situações, sejam elas em regime de internato ou de externato, há sempre o tímido, o receoso, o servil, que acaba por denunciar.

A denúncia pode assumir múltiplos carizes, numa situação como esta. Nem sempre é delatória, mal intencionada, vil. Com alguma frequência, o denunciante acaba por se revelar uma vítima. Há a denúncia mal intencionada do condiscípulo que inveja outro por qualquer motivo e, para se desforçar dele, o pode acusar ao superior. Há a denúncia ingénua, em que o condiscípulo, possuído de admiração por outro, pode, sem medir os efeitos, sublinhar as qualidades do colega junto do superior. Há a denúncia involuntária, por respeito à verdade, como a que ocorre se o superior perguntar a um aluno que faça parte de um grupo, de que assuntos conversam. E o indagado, para não mentir, e porque aceita a legitimidade inconsequente da pergunta, diz o que sabe. Também este pormenor é de reter, porque o conflito que estalou entre José Hipólito e o seu bispo nasceu, alfim, destas duas componentes, qual delas a mais subjectiva e, por isso,

suscitadoras de um problema que, falando a tempo, poderia ter sido evitado.

O corpo docente do Seminário, no Curso de Teologia, ainda não era tão qualitativo como se tornou depois de 1905, com a entrada do novo vice-reitor, e nele pesavam os professores que, na sua maioria, provinham do tempo de D. Tomaz. O vice-reitor era o cónego António Augusto Lopes († Monte Margarida, Guarda, 7.12.1926), pessoa que o sucessor de D. Tomaz acabaria por retirar do Seminário, para lhe cometer funções de responsabilidade no tempo da República — Governador do bispado, chefe local do Centro Católico Português, etc., ainda que o cónego Lopes não se considerasse de acordo com o novo bispo. De facto, quando este lançou o semanário *A Guarda*, que assumiu um definido perfil de órgão apoiante do Partido Nacionalista de Jacinto Cândido, o cónego Lopes, juntamente com outros professores do Seminário, reagiu e abandonou *A Guarda*, o que ele e outros declararam em carta de 25 de Novembro de 1905¹³, demarcando-se do grupo dos *novos*, e integrando o grupo dos *antigos*, que se opunham à acção política de D. Manuel Vieira de Matos, pois eram homens ligados aos partidos históricos.

A contenda com um professor

O caso Hipólito Raposo começou ainda no tempo do bispo D. Tomaz, quando o futuro autor integralista fez o exame de ingresso no Seminário. Ao chegar à Guarda, já o novo bispo, Manuel Vieira de Matos, teve de se confrontar com o ambiente gerado em torno de Hipólito Raposo. Nos exames de admissão, em Junho de 1902, o candidato a teólogo tivera uma disputa filológica com um dos professores, disputa essa da qual saíra vencedor, porque o professor se mostrara incapaz de redarguir. O episódio criou desde logo, em torno de Hipólito, uma aura em que despeito, admiração e temor se aliaram. Os alunos não admiravam tanto o saber do candidato como estavam perplexos face à coragem que

¹³ Cf. Jornal *A Guarda*, n.º 39 (17.12.1905). Fora publicada uma semana antes (7.12.1905) por *O Combate*.

ele mostrara em desafiar o respeito da disciplina, contes-
tando, contra todas as normas e contra os hábitos comuns,
a autoridade do professor.

Felizmente, Nuno de Montemór deixou-nos um testemu-
nho deste episódio e das respectivas sequelas. Diga-se, em
abono da verdade, que Nuno de Montemór, isto é, o Padre
Joaquim Augusto Álvares de Almeida era, ao tempo, anti-
jesuítico e republicanizante. A eleição de Vieira de Matos
perturbou-o. Os alunos teólogos elaboraram um album impresso
— *Homenagem a D. Manuel Vieira de Matos*¹⁴ — mas Álvares
de Almeida «recusou-se a colaborar»¹⁵, assumindo uma ati-
tude que de algum modo o tornou pessoa não grata. Já
Manuel Mendes do Carmo, de Lourical do Campo (n. 1883)
foi dos alunos que aceitaram de bom grado a chegada de
Vieira de Matos¹⁶. Aliás, Mendes do Carmo cursara prepa-
ratórios no Colégio de S. Fiel e recebera, portanto, uma pre-
paração muito diferente da recebida por Hipólito Raposo e
por Álvares de Almeida, que haviam feito esses estudos como
externos, em regime de ensino particular, com párcos.

Que se passou, no entanto, no verão de 1902, com Hipó-
lito Raposo? Nuno de Montemór conta:

«Quando Hipólito Raposo entrou no seminário da Guarda
a frequentar Teologia, estava eu no último ano do curso,
mas conhecia-o já de há mais tempo por um facto de sensação.

Vira-lhe um dia o busto agigantado emergir da chusma
negra de estudantes alvoroçados que a distância o rodeavam
mudamente. Por todo o claustro, dezenas de mãos aponta-
vam-no espavoridas, algumas lívidas de comoção, outras retraí-
das de inveja mal velada.

«Foi aquele! ... Aquele alto! ...

E os dedos assestavam-se sobre ele, transidos de mistério.

Ao debandar das batinas, que foram reboar o eco do
escândalo pelo silêncio dos corredores, avizinhei-me da sua
figura tranquila, quase regozijada.

¹⁴ Guarda, 1904. Não vimos este opúsculo.

¹⁵ Cf. M. Mendes do Carmo, in *Nuno de Montemor (Testemunhos
dos seus Contemporâneos)*. Lx.^a, 1964, p. 99.

¹⁶ P. Gomes, *História da Diocese da Guarda*, p. 289 e ss.

O caso fora realmente pavoroso, estupendo: o rapaz, sem ser chamado, levantara-se, pedindo licença, a impugnar uma afirmação do professor, e tão vitoriosamente erguera a discordância, que o mestre ficara vencido, de cabeça pendente na aresta da cátedra, como uma planta murcha torcida no bordo de um jarro exótico, sagrado ...

Apesar de Hipólito Raposo ter defendido, sem golpe de ortodoxia, uma opinião filológica, o caso implicara indulgência, e à hora do terço, nas sombras sacras da capela, julguei ouvir línguas cândidas de seminaristas, temerosas do incidente escolar, a rezar por ele orações de desagravo ...

O escândalo fora tão grave que mestres encanecidos — pela primeira vez na carreira profissional — reforçaram a omnisciência com petróleo ... gasto em luz por estendidos e trabalhosos serões ...

Tinha ele então dezoito anos.

Ao voltar em Outubro seguinte ninguém esquecera o atentado irreverente».

Prossegue Nuno de Montemór:

«Nos corredores discutia-se-lhe a idade, contavam-se-lhe as distinções, espiava-se-lhe o estudo, indagava-se-lhe da riqueza, e como transpirassem as suas tendências linguísticas, visto ele ter sido aluno externo, perguntava-se quem fora o seu mestre de latim ... E assim se tornou uma figura discutida, agravando diariamente, por novas palavras, a nota de rebeldia»¹⁷.

Tudo isto se passou em Junho (contestação de um professor em matéria filológica) e em Outubro de 1902 (o episódio narrado por Nuno de Montemór, em que Hipólito se tornou o alvo de todas as atenções). À primeira vista, e para os efeitos da tranquilidade disciplinar, esta circunstância não era benéfica para Hipólito. Ele fora causa de múltiplas ninharias, que, no contexto disciplinar, eram assumidas como factores de gravidade: professor desautorizado, sentido de necessária solidariedade do corpo docente, aluno tornado

¹⁷ Nuno de Montemor, in *Jornal da Guarda*, Ano IV, n.º 191 (26.5.1910).



D. Manuel Vieira de Matos, Bispo da Guarda

(Foto de 1903)

centro motivador dos discípulos, sujeito a risco de orgulho e de vaidade; enfim, aluno fomentador de um clima de curiosidade e, sem querer, de intriga. Num meio de jovens, carecentes de um herói, Hipólito Raposo ficava em grave perigo, o de suscitar admiração, mais: o de suscitar, em outrém, o despertar de particular amizade.

Os três primeiros meses do ano lectivo de 1902-1903 foram, assim, de alguma perplexidade na comunidade seminárstica. O mais certo era, havendo pretexto, Hipólito Raposo ser convidado a sair. No entanto, esse pretexto parece não ter surgido. Além disso, o clero da equipa seminárstica,

mesmo quando fosse solidário em disciplina, não sintonizava a mesma emissora em matéria partidária. A doença de D. Tomaz agravava-se dia a dia. A comunidade achava-se de algum modo suspensa do próximo futuro. Já corriam vozes sobre um novo bispo. A seguir, era o Natal, tempo impróprio a decisões de fundo. Por fim, D. Tomaz morria e o governo institucional como que sofria uma suspensão, o que permitiu a Hipólito Raposo prosseguir. Até que, por fim, o bispo velho falecido, chegava o bispo novo. Com fama de duro.

Um novo Bispo da Guarda

D. Manuel Vieira de Matos (1861-1932) era arcebispo de Mitilene e auxiliar do Patriarcado, e, nessa qualidade, responsável pelo pelouro dos Seminários. Preconizado bispo da Guarda, entrou na sua nova diocese em 3 de Junho de 1903, com o seu perfil de homem alto e de boa figura, jovem e dinâmico, com fama de duro e decisivo. Um ideal o anima: renovar o Seminário da Guarda, se for preciso, fazer um Seminário inteiramente novo. A primeira alocução pastoral que dirige ao rebanho, documento de política religiosa, promete pôr a salvo do regime de externato todos os alunos e conclui: «E, assim, traçado fica o plano da Nossa missão pastoral. Seminário, escola e oficina, eis os três pontos para onde, desde já, deve convergir toda a nossa actividade: — no Seminário, por meio de uma esclarecida e zelosa disciplina, forma-se o bom padre»¹⁸. O velho edifício foi todo disponibilizado para Seminário, reservando o bispo apenas um quarto para seu serviço. É justo o juízo: «Foi o seu Seminário que lhe mereceu os seus primeiros cuidados, bem convencido de que o futuro da sua diocese, tão vasta, dependeria da coadjuvação que encontrasse no clero, educado sob a sua direcção»¹⁹.

Remodelado o espaço, feitas as arrumações das salas e destinada cada uma a seu serviço; regulamentados a dis-

¹⁸ Manuel Vieira de Matos, «Alocução Pastoral», in *O Comércio da Guarda*, Ano XVIII, n.º 915 (1.6.1903), p. 2.

¹⁹ *A Guarda*, Ano I, n.º 2 (31.5.1904), p. 34.

ciplina e os recreios, o comer e o dormir, Manuel Vieira de Matos moderniza o currículo de estudos, introduzindo novas cadeiras, como a Sociologia, e a de Ciências Físicas, criando um Laboratório de Física que, depois de 1910, foi arrolado e entregue ao Liceu Nacional da Guarda. O regime de externato findava num instante e, visando o curso preparatório, um novo Seminário Menor era fundado na Quinta da Mitra, no Mondego, em prédio já começado a construir, no princípio do século XIX, por D. José António Pinto Mendonça Arrais. O pequeno Seminário, apto a leccionar o curso liceal como preparatório a Teologia, abriu em 9 de Outubro de 1904.

Não se conseguem curas de grande moléstias sem alguma dor. O arcebispo-bispo da Guarda sabia que, nas decisões de fundo, que iriam afectar pessoas, tinha de ser, ou frio e eficaz, conseguindo o que planeava; ou morno e compassivo, e nada mudaria. Assim, optando pelo primeiro modo, procedeu a uma rigorosa selecção dos alunos teólogos. Estes foram, ou convidados a sair, ou informados da exclusão. O número de excluídos atingiu as dezenas.

Tudo isto representava um corte com os métodos e as tolerâncias antigas. Entrava-se em nova idade. Na perspectiva vieirina, cada padre haveria, além de receber as ordens do seu bispo, de reflectir o seu plano pastoral na sociedade, porque o presbítero é um delegado do bispo.

O saneamento prosseguiu. O arcebispo-bispo assumiu toda a responsabilidade das acções. E, perante um ambiente que se lhe mostrava adverso, que não consentia facilmente as novas políticas, Manuel Vieira de Matos prevaleceu. E, só quando todo o Seminário se lhe apresentou são, achou que poderia dedicar energias a outras áreas: o catecismo, a pastoral, a organização política dos católicos, o movimento social. Mas o Seminário não lhe saiu inteiramente das mãos. Chamou o P. Manuel Mendes da Conceição Santos, professor do Seminário de Santarém, e fê-lo Vice-Reitor²⁰. O novo responsável tomava posse no princípio do ano lectivo de 1905. Já o caso Hipólito Raposo passara à história!

²⁰ Cf. Pinharanda Gomes, *A Vida de Manuel Mendes da Conceição Santos na Guarda (1905-1916)*. Évora, 1987.

Um curso teológico

Os Prefeitos, encarregados da disciplina, eram os Padres Joaquim da Silva Gonçalves e César Godinho, dos quais nada lográmos saber, para além disto. O Secretário do bispo, que o acompanhara de Lisboa, era o Padre Sardinha. Entre os professores sobressaíam os seguintes: cónego Manuel Barbas Freire († 1917), cónego Manuel do Nascimento Simão, dr. P. Francisco dos Prazeres († 1918), cónego Manuel António Monteiro Limão († 1924), cónego João Ressurreição de Paiva († 1929) que acabou por sair da Guarda, escolhendo missionar no Brasil; e, pelo menos, dois leigos: o dr. Amândio Paúl, médico, e o dr. José de Almeida († 1957), advogado e jornalista, chefe do Partido Regenerador-Liberal na Guarda.

Todas estas pessoas eram politicamente comprometidas. O P. dr. Prazeres chefiava o Partido Progressista no distrito e fora, durante largos anos, director do respectivo órgão, o *Distrito da Guarda*, o jornal mais antigo da cidade. Apesar de pensar de modo mui diferente, Hipólito Raposo guardou boa memória deste padre republicano, que foi também um apóstolo social. Quando, em Maio de 1918, o P. Prazeres morreu, o seu jornal dedicou-lhe umas breves páginas de homenagem. Hipólito Raposo foi convidado e respondeu com um artigo breve mas sentido, com o título «Sobre um Túmulo». Hipólito Raposo respondeu enviando esse artigo e dificilmente lhe seria possível recusar, porque a homenagem do jornal foi organizada por um seu antigo e estimado discípulo, o P. Álvares de Almeida que, ao tempo, navegava nas ideias republicanas, ainda que, depois, viesse a aderir ao Integralismo, facto a que não terá sido alheia a influência de Hipólito Raposo, seu grande admirador. Nesse artigo, o escritor de *Terra Morena* afirma: «Eu conheci o Dr. Francisco dos Prazeres quando, um dia, já bem distante na minha saudade, timidamente entrei no Seminário diocesano para fazer um exame que longos meses andara preparando na triste vila do meu berço»²¹. Por fim, admite que ficou a dever ao exemplo moral do dr. Prazeres o não ter perdido

²¹ Hipólito Raposo, «Sobre um Túmulo», in *Distrito da Guarda*, Ano XLI, n.º 2061 (23.6.1918), p. 1.

a fé na sociedade dos homens, porque, nos dias em que tudo aconteceu, Hipólito Raposo poderia ter perdido toda a fé, nos homens e no divino.

O Curso Teológico tinha uma frequência personalizada. Com Hipólito Raposo cruzaram-se, nesse tempo, um João de Oliveira Matos (†1962), que veio a ser bispo auxiliar da Guarda, um José da Cruz Moreira Pinto († 1964) natural do Tortozendo e futuro bispo de Viseu, um teólogo do coturno de Manuel Mendes do Carmo, († 1966), um Joaquim Diniz da Fonseca (†1958), futuro pilar do Estado Novo, e um Joaquim Augusto Álvares de Almeida (†1964), de Quadrazais, se bem que criado em Pêga, que se fixou na história da literatura portuguesa com o pseudónimo de Nuno de Montemór²². As expulsões foram às dezenas, o faro do bispo procurava a nata. Importa reter que D. Manuel tinha preconceito contra alunos preparados em regime de externato. Hipólito Raposo fez os preparatórios como externo, o que era um factor negativo.

A Exclusão de Hipólito

Intempestivos sinais de uma tormenta abateram-se sobre o jovem de S. Vicente da Beira. Hipólito concluiu o exame do primeiro ano de Teologia em 13 de Junho de 1903. Manuel Vieira de Matos chegou à Guarda em 3 de Junho desse mesmo ano. Nos primeiros dias, o novo bispo andou ocupado em tarefas de representação e de recepção. Que tempo lhe ficaria para analisar os alunos do Seminário? É, por isso, injusto, descarregar nos ombros do novo bispo a responsabilidade da expulsão de Hipólito Raposo. No máximo, entre o dia 3 e o dia 13 de Junho de 1903, Vieira de Matos deve ter disposto de três dias para, ouvido o corpo docente do Seminário, decidir sobre o futuro dos alunos. Mal deve ter conhecido estes, em intimidade, ainda que lhes possa ter memorado

²² Cf. *Nuno de Montemór. Testemunhos dos seus Contemporâneos*, Lx.ª, 1964. Sobre a amizade que uniu Hipólito e Montemór, cf. Manuel Leal Freire, «Geografia Sentimental da obra de Nuno de Montemór», in *A Guarda*, n.º 4142 (1988) e ss.

os rostos e os nomes, uma vez que, em seus afazeres, vivia em comunidade com os seminaristas. Ainda que Vieira de Matos estivesse em contacto com os alunos durante os pleníssimos dez dias que vão de 3 a 13 de Junho, que juízo poderia ele fazer, em matéria tão grave, como essa de conceber o perfil de cada aluno, para exarar decisão para cada um deles? É óbvio que a exclusão de Hipólito estava, havia muitos meses, ditada; que se aguardava o momento adequado; e que o novo bispo só tinha de pôr a chancela no parecer do corpo docente, melhor, do vice-reitor. Importa, neste caso, sublinhar que, na sua juventude, Hipólito Raposo fez cair sobre a cabeça episcopal tudo o que a esta cabeça não se podia, com rigor casuístico, assacar.

Nas entrelinhas das cartas de Hipólito Raposo ao bispo da Guarda — sobretudo nas primeiras — infere-se que uma grave acusação lhe foi feita por alguém junto do bispo — que não tinha vocação (é o menos) mas que estaria envolvido em amizades particulares. O sentimento do vexame, da monstruosidade, da desgraça, perpassa, emocional, nas cartas de Hipólito Raposo. Que é amizade particular? Tudo tão subjectivo! Amizade particular pode ser, apenas, a inclinação de um membro de uma comunidade para outro membro, a quem olha com maior simpatia. Pode ser, apenas, a preferência na escolha de um colega para conversar. Toda a análise da amizade particular pressupõe uma grande carga de subjectividade, de preconceito, de pré-juízo. Só que, na ascética comunitária, um membro da comunidade deve conviver com todos os irmãos de igual modo, e, para efeitos de catarse, ser-lhe-á benéfico preferir esse por quem sente menor simpatia, ou com o qual não haja afinidades. Quem sentiu amizade particular por Hipólito? Não se sabe. Jamais se saberá, primeiro, porque as pessoas da história já não se acham na face da terra; segundo, porque estes assuntos não ficavam registados por escrito; terceiro, porque, mesmo ficando escritos, eles estariam na esfera do sigilo de consciência, e nunca poderiam ser revelados. A questão é outra. Em fins de Junho, ou princípios de Julho de 1903, ouvidos os responsáveis do Seminário, foi endereçada uma carta ao pároco de S. Vicente da Beira, informando-o de que Hipólito Raposo não voltaria a ser admitido no Seminário. Invocou-se apenas

a falta de vocação mas, nos corredores diocesanos da intriga, falava-se em coisas vexatórias.

Hipólito concluiu o primeiro ano em Junho de 1903, com distinção. Afinal, chegara ao termo desse primeiro ano no quase preciso instante em que o novo bispo entrava na diocese. Que se passou, depois de Outubro de 1902? Por um lado, revelara-se bom aluno, tanto assim que, maugrado os despeitosos, obteve distinção no exame de fim de ano. Por outro, do ponto de vista disciplinar, algo se passou na camarata de Hipólito Raposo porque ele, e os seus companheiros, sem terem sido repreendidos conforme o Regulamento, receberam uma disciplina — ajudar três vezes à missa, por um delito frequente. Que delito foi esse? Indisciplina na camarata? Brincadeiras a horas de silêncio? Seriam frequentes entre jovens que viviam em comunidade. Não devem ter tido gravidade moral, de outro modo o castigo seria diverso. De facto, nesse ano lectivo de 1902-1903, Hipólito nunca foi repreendido em comunidade²³. Não obstante, «nas horas de recreio sentado no vão de uma janela, palestrava tranquilamente com os que se lhe aproximavam. Foi talvez na distração sincera destas palestras que se perdeu o seu barrete de levita»²⁴.

Os condiscípulos ouviam-no. Umaz vezes entenderiam, outras não. Hipólito gostava de discutir com Manuel Mendes do Carmo, homem de extremado rigor ortodoxo, apologeta em germinação. Hipólito preferia Dante. Chegava a expressar opiniões em matéria de ordem política e social. Daí a obter fama de «subversivo» foi o salto de um passarinho. Além disso, suscitando admiração, via-se procurado com frequência por algum admirador mais exaltado. Daí à suspeita de «amizade particular» foi outro salto de passarinho. «Aí pelo meio do ano é que rebentou novo escândalo pavoroso: soube-se de fonte limpa que Hipólito Raposo passava as noites entregue à Filologia, e que andava já nos últimos meses de dar ao mundo uma gramática.

E não contente com esta audácia, agravou-se dando à letra redonda, no *Comércio da Guarda*, um pequeno artigo. «Já

²³ H. Raposo, *Cartas ao Bispo da Guarda*, II.

²⁴ Nuno de Montemór, *Jornal da Guarda*, loc. cit.

escreve p'ra imprensa»... murmurava-se no refeitório, nos corredores, de quarto em quarto, em segredos de terror e admiração»²⁵. Aluno, aprendiz, desafiava a disciplina preparando uma Gramática, pelos vistos latina. E, sem assinar com o próprio nome, colaborava no semanário regenerador liberal *O Comércio da Guarda*²⁶, dos drs. Arnaldo Sacadura e João Monteiro Sacadura, a cuja linha pertencia, sem dúvida, um professor do Seminário, o dr. José de Almeida que, vê-lo-emos, admirava Hipólito Raposo, e deu provas disso ao tarde.

O ano lectivo terminou. Hipólito saiu para S. Vicente da Beira. A férias, na expectativa do regresso. Tinha ele perfeita vocação? Em férias, Hipólito não deixaria de reflectir sobre a autenticidade do apelo vocacional, para distinguir se estava empurrado, ou de própria vontade. Durante um ano lectivo (oito meses, de Outubro a Junho, tirando as férias) fizera uma experiência sobre a qual reflectiria.

O pároco de S. Vicente da Beira via ruir o sonho de ter mais um fiel no presbitério diocesano. Ficou alarmado. O seu trabalho na preparação do rapaz reduzido a zero. Sem hipótese de aceder a teólogo, ainda que pudesse cursar estudos pois, prudente, ao mesmo tempo em que fora matriculado no Seminário da Guarda, Hipólito também havia sido matriculado pelo tio Francisco no curso liceal em Castelo Branco; mais, o caso desfigurava o pároco de S. Vicente da Beira cujo aluno, era preterido no Seminário episcopal. Em vez de meter pés a caminho da Guarda, pensou — «o bispo vem ao Colégio de S. Fiel no fim de Julho, para presidir à festa do final de curso. Nessa altura lá irei. E falaremos». Não se enganou o bom pároco. E, fim de Julho, estava em S. Fiel, para comprovar que aquele José Hipólito Raposo excluído era mesmo o seu aluno, e para indagar das verdadeiras razões. O bispo respondeu em conformidade com o que tinha de memória. Decerto sugeriu que teria de ver o caso em mais pormenor, logo que estivesse na Guarda. Aliás, outros alunos, incluindo

²⁵ Id., *ib.*

²⁶ Cf. P. Gomes, *A Imprensa da Guarda*, Braga, 1983, p. 83 e ss. Não identificámos, neste jornal, a colaboração de Hipólito Raposo.

o que era grande amigo de Hipólito — Aprígio da Fonseca Barbosa²⁷ — haviam sido expulsos.

Em 4 de Agosto, Hipólito Raposo estava também na Guarda, decerto por efeito da conversa havida entre D. Manuel e o pároco de S. Vicente da Beira. Da entrevista, nada se resolveu. O teor das cartas de Hipólito sugere que D. Manuel tinha um conhecimento muito indirecto do processo, e que baseava as suas decisões nos documentos, orais ou escritos, que o Seminário lhe apresentava. Nem de outro modo poderia ser. A decisão tomada em fim de Junho era irrevogável. O bispo acedeu a falar com o ex-aluno, mas nada de mutativo. D. Manuel construiu a imagem de Hipólito: inteligente, correcto, sem pecado de amizade particular, mas ambicioso no foro cultural e, por sua vivacidade mental, motivo de perturbação da comunidade. Introduzia uma *nuance* fundamental no processo — essa de mudar a suspeita de *amizade particular* para a *falta de vocação* — mas punha ponto final ao evento, que se tornara prejudicial motivo de mexerico. Importa sublinhar o seguinte: Manuel Vieira de Matos prometeu à Guarda o saneamento do Seminário, mas o saneamento efectivo só se deu em fins de 1904, não antes, pois só nesse ano houve as massivas exclusões. Hipólito Raposo e Fonseca Barbosa foram dois casos isolados, o prólogo a uma profunda onde de renovação que, está documentado, envolveu todo o Seminário, desde o corpo discente ao corpo docente, desde os alunos aos funcionários, desde o relojoeiro ao vice-reitor. Com efeito, o ano lectivo de 1904-1905 pode ser considerado o início da nova época seminarial da Guarda.

Fosse como fosse, Hipólito reflectiu e achou que deveria ser padre. Assim, em Novembro de 1903 voltou à Guarda, para obter a carta demissória e outros documentos de direito canónico²⁸. O ex-aluno narra, em suas cartas, os acidentes desta visita ao Paço Episcopal e a inevitável atitude irreductível do bispo. Dá-se o caso de, no interim — Agosto a Outu-

²⁷ Nada mais conseguimos saber acerca desta personalidade, que pode ter sido um admirador de Hipólito, e que recebia deste igual admiração.

²⁸ H. Raposo, *Cartas ao Bispo da Guarda*, IV.

bro — o tio de Hipólito ter obtido uma eficaz ajuda no Colégio das Missões Católicas Ultramarinas.

Aluno clandestino em Sernache do Bonjardim

Tentada a matrícula no Seminário, em Agosto, e frustrada, como já vimos, José Hipólito entrou para o curso liceal em Castelo Branco, embora na mente da família e, pelos vistos, na sua, devesse continuar em Teologia. Deu-se o caso de o Padre António José Boavida (1838-1910)²⁹, natural de Alpedrinha, depois da sua fulgurante actuação como Vigário Pró-Capitular de Beja (o que equivalia, em termos de poder administrativo, a bispo) ter assumido, em 1885, o cargo de director do Real Colégio das Missões, sediado em Sernache do Bonjardim, diocese de Portalegre. Achando-se de férias em Alpedrinha (onde fixou residência definitiva em 1904, prestando ainda valiosos serviços à vila, mormente na valorização do património histórico), o Padre Boavida foi posto ao corrente do caso e, crente na possibilidade de mais um missionário, achou que deveria admitir Hipólito Raposo no Colégio das Missões. E assim ficou estabelecido. Só que, chegado ao Colégio, o estudante de Teologia recebeu, com surpresa, a informação de que não poderia frequentar as aulas como aluno matriculado; poderia ficar, mas, digamos, como «aluno clandestino», apesar de ter obtido a carta demissória do bispo da Guarda. Perante esta inusitada e insólita situação, Hipólito Raposo tentou legitimar a sua matrícula no Colégio de Sernache, recorrendo à autoridade diocesana, no caso, o bispo de Portalegre, D. Gaudêncio José Pereira, grave figura do episcopado português na transição do século XIX para o século XX. Em vão.

Com efeito, «os alunos do Seminário da Guarda» (?), sabendo do ingresso de Hipólito em Sernache, escreveram uma carta muito infeliz ao Padre Boavida, carta essa em que sobressai uma inacreditável atitude moral, como a de Hipólito

²⁹ Cf. Maria Amélia Lemos Alves, in *Dicionário de História da Igreja em Portugal*, vol. III, pp. 89-91.

ser acusado de «desmoralizador protegido». Essa carta, que dificilmente terá sido escrita pelos ex-condiscípulos, foi enviada em 26 de Dezembro de 1903. Ora, nessa data, os alunos do Seminário estavam em férias de Natal; e, por outro lado, metida na Guarda, não poderia chegar a Alpedrinha por via da ambulância postal do norte, como é óbvio, pois teria sido portada pela ambulância da Beira Baixa. Além dessa carta, ao Padre Boavida, outra, de análogo teor, foi remetida ao Reitor de Sernache, que procedeu correctamente com Hipólito — se este não abandonasse o Colégio nunca daria conhecimento do seu teor. Mais: rasgou-a. O aluno não se ausentou, como é óbvio, mas não podia continuar numa situação precária, como esta que temos visto. Era necessário pôr as coisas claras, definir se deveria prosseguir em Sernache, mas como aluno matriculado. Esperava ele essa clarificação; esperavam os superiores que os ânimos evoluíssem, que o passado fosse esquecido; e que a normalidade fosse possível.

Acontece então algo de estranho. Nas férias da Páscoa de 1904, o Padre João Fernandes Santiago espalhava na região de S. Vicente da Beira que, afinal, Hipólito não fora readmitido no Seminário da Guarda por ter mantido, enquanto aluno, correspondência amorosa com uma senhora. Que o bispo da Guarda possuía um maço dessas cartas! Hipólito escreveu essas cartas a uma senhora que, afirma, não conheceu?³⁰ Se as escreveu, a referida e anónima senhora entregou-as ao bispo da Guarda? Porque motivo era o Padre Santiago tão empenhado em que a notícia circulasse, uma vez que tal ia avolumar a gravidade moral do caso de um ex-seminarista? Do nosso ponto de vista, este pormenor das cartas amorosas é um expediente. Fora criada, injustamente criada, em torno de Hipólito, a aura das «amizades particulares», e verificou-se então que essa aura fora demais para a dignidade de um homem como era Hipólito. Como desfazer a fama? Invertendo os termos: Hipólito era, afinal, um conquistador, um galanteador do sexo feminino. Repunha-se, deste modo, a dignidade do homem, corrigia-se um erro anterior com um erro posterior, embrulhava-se mais uma questão

³⁰ H. Raposo, Carta VI.

que, afinal, nunca chegou a ser esclarecida. A conclusão pôs a tónica na falta de vocação e no «celerado racionalismo» do aluno teólogo. E assim se fechou o ciclo do equívoco. Hipólito saiu de Sernache e entrou para o Liceu de Castelo Branco, onde, em 1905, frequentava a quinta classe. Que poderia suceder a este jovem, depois de tempos tão difíceis, depois de tantas situações de perplexidade? Cremos bem que a repulsa de Hipólito pelos padres políticos, ao modo de D. Manuel Vieira de Matos, nasceu nesta altura, embora se houvesse aprofundado com o seu ingresso nas fileiras do Integralismo Lusitano. «Catolaicos» era a palavra em que Hipólito Raposo preferia meter os católicos de vocação republicana.

As cartas ao Bispo da Guarda

Afinal, em Fevereiro de 1905, verificou-se que o assunto não morrerá, pelo menos na memória de Hipólito Raposo, e que ainda daria pano para mangas. É este o lugar de chamar o semanário *O Combate* à colação.

Perante o trabalho sócio-político-pastoral que o bispo da Guarda estava desenvolvendo, e face ao aparecimento, na cidade e na diocese, de um forte projecto de imprensa católica, operado a partir de um quinzenário novo, *A Guarda*, confeccionado pelos «novos padres» e pela nova geração do movimento social católico, os republicanos de todo o país acharam necessário criar algo que pudesse afrontar *A Guarda* e, mais, o bispo Vieira de Matos. O projecto republicano, muito mais caracterizado pelo anticlericalismo do que pela teorização da República, foi concretizado pelo Grupo Republicano da Guarda, no semanário *O Combate*, cujo primeiro número saiu em 6 de Outubro de 1904, sendo, director, o poeta José Augusto de Castro (simbolista) e, editor, José Serena. O Governador Civil do distrito era, ao tempo, o dr. João Abel da Fonseca, de Trancoso. Além de José Augusto de Castro, terrível fundibulário, cujos artigos contra a Igreja deram o livro *O Bispo* (1915), o principal colaborador do semanário foi, nesta primeira fase, o publicista Heliodoro Salgado, figura cimeira do maçonismo, cuja defesa e cuja

apologia efectuou nas páginas do semanário guardense. O jornal *A Guarda*, a «seita negra» (padres), «os sacramentos» (especialmente a Confissão), a «Companhia de Jesus» — eufemismo que abarcava objectivamente todo o clero, apresentavam-se como os alvos preferidos de Heliodoro Salgado³¹. A colaboração deste foi sol de pouca dura. N' *A Guarda*, o fundibulário era Artur Bivar, o *Diógenes*, cujas réplicas tremendas, assentes em doutrina, atemorizaram Heliodoro Salgado que, por fim, se retirou de combate, cedendo o lugar a outro polemista, o professor liceal José Agostinho de Oliveira, que, ao tarde, regressou à Igreja e se tornou adversário das doutrinas de que fora apologeta. Ex-seminaristas republicanos davam testemunho anti-clerical. Tomaz da Fonseca publicava o *Evangelho dum Seminarista* (Coimbra, 1904) e obtinha o franco elogio de José Augusto de Castro³². O texto doutrinário de José Falcão, intitulado *Cartilha do Povo*, publicado em folhetim, mal chamava as atenções, imerso que vinha na intriguice anticlerical.

As férias de Natal de 1904 trouxeram nova onda de expulsões do Seminário. Pelo menos quatorze vieram para a rua, acabando, alguns, por se queixar contra as condições de higiene e a má alimentação. Um dos expulsos, António Rodrigues Pontífice, aparece como violento colaborador de *O Combate*, subscrevendo uma secção — *Seminários e Jesuítas* — que se iniciou com uma carta aos seus ex-colegas. As edições de *O Combate*, em Janeiro e Fevereiro, deram lugar às queixas de *A Guarda*, que via no opositor apenas a vontade de insultar o bispo, os sacerdotes e os seminaristas. E foi então que, de súbito, Hipólito Raposo voltou à baila. Em 2 de Fevereiro de 1905 iniciou n' *O Combate* a publicação de seis cartas enedereçadas ao Arcebispo-Bispo da Guarda, em que pura e simplesmente pôs em público toda a história, contada segundo o seu próprio ponto de vista.

Hipólito deve ter sido solicitado a vir a público por algum ou por alguns dos antigos discípulos. Ainda não

³¹ Heliodoro Salgado, «A Maçonaria Caluniada», in *O Combate*, Ano I, n.º 20 (16.2.1905) e ss.

³² Cf. *O Combate*, Ano I, n.º 15 (12.1.1905).

fizera opção política? Podia, por isso, aparecer como redactor no semanário republicano? Ou, tendo necessidade de pôr a questão em público, só achou abertas as portas do semanário de José Augusto de Castro? Achou-se ele nas mesmas condições de Rolão Preto que, nos anos de 1960, sendo monárquico de quatro costados, só achou abrigo para os seus artigos doutriniais e oposicionistas no diário antimonárquico *A República*, que Carvalhão Duarte dirigia em Lisboa? Fosse porque fosse, evidente se torna que Hipólito, cuja lealdade à Igreja marcou a sua vida, ainda que dissentisse de muitas figuras da hierarquia, forneceu, nesse momento, lenha para a fogueira que se ateava para queimar o bispo da Guarda e, com ele, o catolicismo em Portugal, esse mesmo catolicismo que Afonso Costa se propunha erradicar em duas gerações, embora, os filhos, os tivesse a estudar em colégio de Jesuítas na Suíça.

Hipólito estava ciente dos riscos, mesmo esse de *A Guarda* lhe vir ao encontro, em radical desafio. Tal não aconteceu desse modo. *A Guarda* aludiu sempre ao assunto na generalidade, preferindo replicar à posição anticlerical de *O Combate*. Mas, em 8 de Março de 1905, Quarta Feira de Cinzas, apareceu um documento assinado pelos estudantes seminaristas, em réplica a Hipólito Raposo. Tanto provocou mais duas cartas que, desta vez, Hipólito dirigiu aos seus antigos colegas de Seminário, e onde, afinal, como que recapitula a sua posição e confere o seu juízo, insistindo nas suas razões. Dificilmente se poderá atribuir a carta de 8 de Março de 1905 aos Seminaristas. Alguém a escreveu, cometendo dois lapsos: dar Hipólito como natural de Alpedrinha (por causa da sua relação com o Padre Boavida) e referir apenas cinco cartas, e não seis. Ora, a quinta carta de Hipólito só foi publicada em 16 de Março, o que vem a ser estranho: como é que, num documento datado de 8 de Março, quando só quatro cartas tinham sido publicadas, foram referidas cinco? Alguém teve acesso a essa quinta carta, antes de publicada? Ou essa carta, atribuída aos seminaristas, foi originada fora do Seminário, por alguém que conhecia já as cinco cartas, incluindo a ainda inédita e que, através de um manifesto espúrio, visava tornar o problema ainda mais agudo? Hipólito, ao que parece, não prestou atenção a este pormenor. Com efeito, em 8 de

Março, só quatro das suas cartas n' *O Combate* tinham sido publicadas. Por isso, e pelo mais, dizemos que o «caso Hipólito Raposo» não passou de um lamentável equívoco, que, por fim, caiu em esquecimento. E, como vimos, Hipólito deitaria tudo isso para trás, caminhando em frente, na construção do seu ideário integralista, do qual é mestre de primeira grandeza. As suspeitas de «amizade particular» foram tornadas obsoletas, e a versão final, ainda que não oficial, reduziu-se às razões da falta de vocação. E, quem sabe, se a vocação sacerdotal de Hipólito seria autêntica? É um enigma a que só ele poderia ter respondido mas, sobre isso, para além do testemunho destas perturbadas cartas, nada mais nos transmitiu. Não foi um celibatário. Casou e constituiu família. E a actividade política interessou-o mais vivamente do que a militância religiosa. Enquanto alguns dos seus ilustres compatriotas da Beira Baixa, como Gonçalo Xavier de Almeida Garrett († 1925) e Tomás de Gamboa († 1950) de Castelo Novo, se empenharam num catolicismo participante da vida política (Gamboa foi homem do Centro Católico, projecto devido em grande parte a Vieira de Matos) Hipólito preferiu manter a separação de poderes cuja mistura era, para ele, um erro, unicamente devido, não aos católicos, mas aos «catolaicos». O juízo não o aplicou ele aos «irmãos Dinizes da Fonseca», que considerou como universitários católicos exemplares ainda que, afinal, também eles, do Centro Católico, pudessem ser «catolaicos»³³.

Homenagens da cidade

Hipólito Raposo gostava da Guarda, e visitou a cidade diversas vezes.

Estudante em Coimbra, estudioso da história e das tradições, decidiu concorrer aos Jogos Florais de Salamanca. Não concorreu sozinho. António Sardinha (com o pseudónimo António de Monforte), Alberto de Monsaraz, Manuel Eugénio Massa e Manuel Cardoso Martha, também concor-

³³ H. Raposo, *Folhas do meu Cadastro*, I, p. XVIII.

reram, apresentando notáveis produções poéticas, que receberam prémio e distinção, na solenidade a que, no «Pátio dos Irlandeses», Salamanca assistiu. Hipólito receberia, pouco depois, o encargo de reunir em volume as produções poéticas dos seus amigos³⁴. Por sua vez, concebeu e escreveu um saboroso volume de história, de praxe e de tradição, sobre a vida académica coimbrã — *Coimbra Doutora* (Coimbra, Livraria França Amado, 1910). O livro, repositório de saborosas evocações das origens do Estudo Geral e da tradição universitária, foi analisado pelo júri português dos Jogos Florais de Salamanca, que reuniu, em 1910, na Quinta do bispo D. Manuel Correia de Bastos Pina, na Carregosa, à sombra daquela viçosa mata onde, num pináculo, se erguem o santuário e os jardins de Nossa Senhora de Lourdes. Hipólito recebeu o primeiro prémio. Júlio Dantas, a quem fora apresentado pelo Conde de Monsaraz, participou do júri e, quando o livro de Hipólito foi chamado ao prelo, Júlio Dantas quis escrever o prefácio. O que fez, tecendo o elogio do autor do livro e as qualidades literárias e históricas deste.

Na Guarda, onde o vice-reitor do Seminário era já Manuel Mendes da Conceição Santos, pode ter havido sobressalto. A pretexto de Hipólito se haver afirmado figura pública, poderiam ser exumados velhos cadáveres? Não foram, e, com efeito, houve regozijo. José de Almeida, antigo professor de Hipólito, era proprietário e director de um novo jornal, o *Notícias da Guarda*, em cuja redacção sobressaía Germano de Oliveira, que viera do *Comércio da Guarda*, onde Hipólito publicara os seus primeiros escritos. O Padre Joaquim Augusto Álvares de Almeida, que ainda não adoptara o pseudónimo Nuno de Montemór, e que Hipólito frequentemente tentava para que se tornasse escritor, também regozijou. E, como não andavam de muito bom jeito com o bispo, que achavam demasiado político, aproveitaram o acontecimento. Dizermos «aproveitaram» está longe de significar oportunismo, ou abuso da pessoa de Hipólito para incomodar o bispo. Dizemos «aproveitaram» porque, homenageando de coração sin-

³⁴ *Jogos Florais de Salamanca. Poesias Premiadas*. Prefácio de Hipólito Raposo, Coimbra, França Amado, 1910.

cero o premiado de Salamanca, no coração da cidade da Guarda, esse gesto não seria pacífico para ninguém. Nem para *O Combate*, pois Hipólito, que escrevera nas suas páginas, achava-se já distante do seu ideário. Para o poeta integralista, *O Combate* nunca fora o seu norte ideológico; fora, apenas, um lugar onde expusera a sua rópica espiritual, na contingência dos acidentes.

A edição do *Notícias da Guarda*, em 26 de Maio de 1910, veio impressa em melhor papel. Homenagem a Hipólito Raposo pela distinção obtida em Salamanca. O director, José de Almeida, escreve «Duas Palavras», para justificar a homenagem a um escritor que, ainda seu aluno, se revelara da sua linha política, e que muito sofrera, por equívocos de internato; o prólogo de Júlio Dantas ao livro *Coimbra Doutora* é transcrito; autor que não identificámos desenha uma caricatura do homenageado, — um Raposo escritor, observado por um académico, Dantas — em síntese plástica da admiração geral; e, por fim, Nuno de Montemór traça o perfil biográfico de Hipólito Raposo, evocando os dias do Seminário em que um equívoco, incontrolado pelas vítimas (vítimas foram, já Hipólito, já Vieira de Matos, já o Seminário!) tanto pesar causou, com gáudio dos que estavam na barricada anti-Igreja. No artigo de Nuno de Montemór, cuja maior parte já transcrevemos, respira esse equívoco, só por vontade olvidável. A Guarda, que fora avara para um estudante teólogo, mostra-se pródiga para o escritor de nomeada. Sem dúvida, sem sombra dela, esta homenagem de José de Almeida e de Nuno de Montemór limpou a imagem de Hipólito Raposo. Ainda hoje, entre velhos e quase esquecidos antigos alunos do Seminário da Guarda, a fala é deste modo: — «Hipólito Raposo, um grande escritor! Foi aluno do Seminário da Guarda».

Não há mal que não venha pelo bem.

Assim, para agradecer aos amigos a homenagem, Hipólito Raposo subiu à Guarda em Janeiro de 1911. Visitou Nuno de Montemór. Agradeceu. E, pouco depois, o Padre Álvares de Almeida, já com o pseudónimo, pela mão de Hipólito Raposo, editava o seu primeiro livro, *O Meu Retiro*, na Livraria França Amado, de Coimbra. Duas vidas, duas amizades.

Em 1950 ocorreu o quarto centenário da morte de S. João de Deus, em Montemor-o-Novo, diocese de Évora. O antigo Vice-Reitor da Guarda, que já chegara passada a borrasca do saneamento do Seminário, deverá ter feito contactos com o processo das expulsões ocorridas antes, para melhor se situar na esfera que o seu bispo desejava para o preparatório presbiteral. Em 1950, o antigo Vice-Reitor da Guarda era arcebispo de Évora, em cuja jurisdição se insere a terra natal de S. João de Deus. E, para assinalar a efeméride, D. Manuel Mendes da Conceição Santos convidou Hipólito Raposo, que, em Montemor, proferiu uma admirável conferência, depois impressa, intitulada *Heroísmo da Caridade*, sobre o santo herói de Montemor-o-Novo³⁵.

Poucos anos depois, Hipólito passava à eternidade. Na secção «A Sombra da Cruz», pela serviçal pena do cónego Luís Mendes de Matos, *A Guarda* noticiava a sua morte. E lembrava que Hipólito fora «antigo aluno do Seminário da Guarda, que depois abandonou para se ir formar em Coimbra»³⁶. O passado, já lá ía. Agora, para o Seminário da Guarda, era uma honra o tê-lo por filho. O gesto honra Hipólito, mas honra, também, a Guarda.

Pinharanda Gomes

³⁵ Publicado na revista *Gil Vicente (Guimarães)*, — 1950, e de que foi feita separata.

³⁶ *A Guarda*, Ano XLIX, n. 2381 (4.9.1953).

**CARTAS AO BISPO DA GUARDA,
DOM MANUEL VIEIRA DE MATOS (1905) ***

I

«Omnis enim qui male agit, odit lucem, et non venit ad lucem, ut non arguantur opera ejus.

Qui autem facit veritatem venit ad lucem, ut manifestentur opera ejus qui in Deo sunt facta».
S. João, Cap. III, 20-21

Senhor,

Chegou o tempo de ultimarmos as contas em que cada um de nós é simultaneamente devedor e credor: eu devo a vós e ao público a justificação das acusações que me assa-caram e das perseguições que me moveram; vós deveis-me a reparação da maior injustiça das que porventura tenhais feito: a infamação do meu nome, do meu crédito, da minha reputação enfim.

Não estranheis certamente que eu só hoje venha dizer o que devia ter dito há um ano, porque este adiamento obedeceu a circunstâncias a que vós não sois totalmente alheio.

Não é uma satisfação que venho pedir-vos, pois dela julgaríeis indigno o desventurado que a família entregou ilibado à guarda do Seminário e vós pretendestes arremes-sá-lo à sociedade caluniosamente infamado!

Não venho pedi-la também aos vossos subordinados, dirigentes do Seminário, porque mal poderiam dá-la aqueles que se recusam a assumir a responsabilidade dos seus actos, que, enfeitados da dignidade humana, não sabem prestar culto à verdade, mas venho protestar à luz dos factos que todos os alunos conhecem, contra as vossas prepotências, produto das suas malévolas sugestões a que vós tendes cedido, quando nas orgias da maledicência se rojam a vossos pés, como répteis peçonhentos e asquerosos.

* Publicadas in *O Combate*, Ano I, n.º 18 (Guarda, 2.2.1905), p. 3; 20 (16.2.1905), p. 1; 21 (23.2.1905), p. 2; 23 (9.3.1905), p. 2; 24 (16.3.1905), pp.2-3; 25 (23.3.1905), p 3; 27 (6.4.1905), pp. 2-3; 30 (26.4.1905), p. 2.

No decorrer do processo de reabilitação de que o público começa hoje a ter conhecimento não vos insultarei, Senhor, porque não é esse o meu propósito, e porque mo vedam o respeito que vos devo e mais ainda o meu carácter e educação, como já declarais publicamente; mas, se por vezes soltar um brado mais alto e mais sentido, não vos admireis, porque nesse ponto será ele proporcional à intensidade da dor que não posso nem devo sufocar.

Nota: — Devo advertir os leitores de que se algum deles quiser tomar na imprensa³⁶ a defesa dos meus perseguidores, há-de ter o incómodo de indicar-me o jornal em que escrever ou enviar-me um número desses e assinar os artigos que escrever, sem o que ficarão sem resposta.

S. Vicente da Beira

José Hipólito Raposo.

II

«Omnis enim qui male agit, odit lucem, et non venit ad lucem, ut non arguantur opera ejus.

Qui autem fecit veritatem venit ad lucem, ut manifestentur opera ejus quia in Deo sunt facta».

S. João, Cap. III, 20-21.

Senhor,

Eu sei que este grito espontâneo da minha alma, oprimida pela aleivosa injustiça que a feriu, vai descerrar os vossos lábios para me dizerdes talvez num sorriso desdenhoso e sarcástico: Nada podes, desgraçado; ninguém julga os meus actos; sou absoluto; se levantas a voz em tua defesa, eu tenho legiões de prosélitos para te esmagar. Nada posso, é verdade; e porque vós sois absoluto e porque das vossas decisões não há apelação, é que eu me vejo forçado a recorrer ao santo tribunal da imprensa, tomando por árbitro a opinião pública que nos há-de julgar ambos como merecermos.

A ela venho ao contrário de muitos patentear o móbil da minha exclusão do vosso Seminário e provar a injustiça

³⁶ Óbvia advertência ao jornal *A Guarda*.

com que se pretendeu inutilizar um rapaz de 18 anos, roubando-lhe o futuro e destruindo-lhe as esperanças de relativa felicidade.

Para os alunos e professores do vosso Seminário chamo a atenção dos duvidosos que talvez me suponham cúmplice de actos que fazem a eterna vergonha dum homem que foge para longe, onde não ouça os sentidos queixumes da sociedade, que cora de pejo por ter alimentado em seu seio aquele monstro humano. Não; o moço desditoso que, sob pretextos frívolos e falsos, vê anuladas as suas aspirações, desfeitos os seus sonhos, não é, felizmente para ele, esse monstro de quem a sociedade haja de enojar-se, como passo a demonstrar. Fiz o curso de preparatórios do Seminário sempre na qualidade de aluno estrangeiro, sendo habilitado por professor particular na minha própria terra. Concluí-o na 2.^a época em 1902, matriculando-me em seguida no primeiro ano teológico de que prestei provas em 13 de Junho de 1903, sendo o mais classificado do curso pelo que me distribuíram em Outubro pretérito um diploma que conservo. Durante o ano do meu internato nunca fui repreendido em comunidade, sendo-me aplicado e aos meus cinco companheiros de quarto, que eram todos meus condiscípulos, um único castigo — ajudar três vezes a uma missa — por um delito que então era frequente e que, ainda hoje, dizem que está em uso, apesar dos vossos rigores. Parti para férias tão satisfeito e despreocupado quão longe estava de prever a tempestade que em breve se ia desencadear.

A vista disto, calculai, senhor, com que surpresa leria eu um ofício vosso para o meu pároco* que dizia em P. S. — Participará V.S. Rm.^a ao aluno (aqui o meu nome) que não pode ser admitido no Seminário por causa do seu mau comportamento e pouca aplicação ...!!

* Este é o mesmo pároco que há anos, por questões de família em que a minha pouca idade não me permitia entrar, me poisou a mão na cabeça e disse: Deixa-te lá ser padre que eu te arranjaréi. Eu era pequeno e chorei, chorei as lágrimas mais amargas da minha vida.

Não sou padre; se o fosse, teria o meu pastor mais uma vítima para a vingança.

III

«Omnis enim qui male agit, odit lucem, et non venit ad lucem, ut non arguantur opera ejus.

Qui autem facit veritatem venit ad lucem, ut manifestentur opera ejus quia in Deo sunt facta».
S. João, Cap. III, 20-21.

Senhor,

O meu pároco mostrou-se tomado da mais profunda admiração, e receando algum equívoco de nomes, menos por atenção para comigo do que por temer as censuras do povo, dirigiu-se ao Colégio de S. Fiel aonde Vós tinheis vindo e lá, na vossa presença e na de alguns padres, declarou a estranheza causada por semelhante determinação.

Tomastes o nome para verificardes, mas fazendo sentir ao mesmo tempo que tal nome vos não era desconhecido ... Pouco depois de regressardes à Guarda em 4 de Agosto tinheis-me junto de Vós a pedir a justiça e nunca o favor da minha readmissão. Lestes-me a lista dos excluídos e as respectivas causas, sendo só a minha e a do aluno Aprígio da Fonseca Barbosa, um dos alunos mais talentosos e mais probos que têm entrado no vosso Seminário — a falta de vocação — acrescentando Vós, que se tinham alegado no ofício aquelas razões — mau comportamento e fraca aplicação — por ser vergonhoso e vexatório que no foro externo se soubesse que nós não tínhamos vocação. Não comento: compare-se e julgue-se. E eu não tinha vocação, dizeis-me Vós, o que denunciava por andar sempre triste, e por não abrir a boca nas rezas da capela.

A primeira calúnia nem merece justificação; mas sempre direi que um enfraquecimento geral de sistema nervoso, de que fui tratado pelo sr. dr. Amândio Paúl, professor do Seminário, me impedira de me entregar a divertimentos que exigissem esforço, como saltos, correrias, jogos de barra, etc., para os quais, verdade seja, nunca me senti com vocação ...

Pelo que respeita à segunda acusação, com que direito vêm arguir-me de uma transgressão repetida de que nunca, nem ao menos de passagem, me repreenderam pondo já de parte a letra do ultrajado regulamento disciplinar que man-

dava repreender o transgressor duas vezes particularmente, antes da admoestação pública?

Daqui ressalta claramente a minha inocência, calúnia e má fé das autoridades, ou a minha culpabilidade e sempre a má fé das mesmas.

Por isso, também para elas a severa punição em qualquer dos casos.

Mandastes-me esperar por tempo indeterminado até melhor me dispôr para continuar a minha carreira, numa palavra, para formar a vocação que não tinha. A isto opuz a desconveniência de ir viver para uma aldeia, para um meio iletrado e vicioso e o atraso e transtorno que daí me advinham para o prosseguimento da minha carreira na Universidade com a formatura em teologia, se para tanto chegassem os recursos pecuniários de meu pai.

Vós deveis lembrar-vos de que para me desterrardes do espírito esta ideia que representava uma aspiração que Vós mesmo realizastes, dissestes: a Igreja não precisa de sábios!! Argumento pasmoso, perante o qual perderia o nome o célebre dr. *Irrefragabilis* de que a Igreja tão justamente se gloria.

Recusei logo sujeitar-me aos vossos caprichos, às vossas arbitrariedades, esperando a amnistia que nunca vinha, porque, com tal resolução ia de algum modo colaborar na calúnia e colocar-me depois de readmitido na mais triste e deplorável situação.

Desejando conhecer a fonte de tais informações, disseste-me que a direcção da casa, ao tempo, era constituída pelo dr. António A. Lopes, vice-reitor e padres Joaquim da Silva Gonçalves e César da Silva Godinho, prefeitos.

Dirigi-me a todos três no mesmo sentido, a pedir que me declarassem quais as informações que a meu respeito *deram, bem como os fundamentos em que as basearam.*

O vice-reitor não me respondeu; mas uma carta dele indirecta que possuo diz no primeiro período que *«tem a dizer que o sr. bispo foi informado com respeito ao Raposo por outrém que não por si».*

O prefeito Silva Gonçalves, não me respondia porque não estava na terra, disse ele, e, tendo-lhe escrito a dizer-lhe que o seu silêncio era sinal de culpabilidade, escreveu-me

um postal, exigindo que lhe explicasse aquele termo *cumplicidade*, o que mostra, mas não a mim, que ao homem não cabe responsabilidade alguma do facto.

Em seguida escreveu-me uma carta, admirando-se de que eu me dirigisse a ele para pedir tais informações e encaminhando-me a pedi-las para a autoridade superior.

Do prefeito César Godinho, recebi uma declaração em que diz não ter sido consultado nas razões da minha exclusão, bem como de qualquer outro estudante.

Aí tendes, senhor, um desmentido oposto pelos vossos subordinados ao que me dissestes em 4 de Agosto. Não creio porém que Vós mentissemos, mas sim os dois primeiros dirigentes. O terceiro livra-o dessa infâmia o seu carácter honesto e franco, austero e impoluto que o impedia de desempenhar cabalmente o munus de prefeito.

IV

«Omnis enim qui male agit odit lucem, et non venit ad lucem, ut non arguantur opera ejus.

Qui autem facit veritatem venit ad lucem, ut manifestentur opera ejus qui in Deo sunt facta».
S. João, Cap. III, 20-21

Desejando concluir o curso para a vida eclesiástica, a que sempre me destinara, voltei novamente à Guarda, em Novembro, a pedir a carta demissória e um atestado circunstanciado dos actos ou factos do meu procedimento moral, religioso e disciplinar, pelos quais merecesse ser excluído da frequência do Seminário, por falta de vocação. Deveis lembrar-vos de que para vos não incomodardes, (moralmente?) dizia o vosso secretário, padre Sardinha, não me podíeis receber.

Resignei-me a entregar-lhe os dois requerimentos que levava feitos, sendo-me entregue pouco depois o primeiro já deferido e o segundo sem despacho algum, acrescentando ele, que requeresse doutro modo, que requeresse atestado de comportamento, de aproveitamento, que tudo isso se passava, mas que tal requerimento não podia ter despacho e,

além disso, que na demissória se explicaria tudo; mas, tendo-lhe observado duramente que não podia nunca servir-me da demissória para outro³⁷ que não fosse para apresentar ao lado em cujo Seminário me quisésse ordenar e que por isso não podia prescindir do atestado, resolveu-se a apresentá-lo de novo, vindo dizer-me em seguida que voltasse no dia seguinte.

Não podia ter despacho, porque aquele advérbio «circunstanciadamente» isto é, dia, mês, ocasião, local, etc., das transgressões, ia confundir os vossos subordinados e Vós quisestes salvá-los de mais esse desdoiro.

Eles que vos agradeçam a santidade da intenção. Na terceira entrevista com o secretário ameacei-o de que, se não dessem algum despacho, incluindo o indeferimento, ao requerimento em que desassombradamente pedia a enumeração de todos os meus actos possíveis, bem como as circunstâncias que os revestiram, iria publicá-lo e que essa era a minha melhor defesa.

Voltei no dia imediato e eram já três horas que esperava, com os pés sobre a neve, é verdade, mas calçado e sem cilício, ao invés de Henrique IV em Canossa, quando, dispondo-me já a sair para casa, vou encontrar na câmara eclesiástica o requerimento já despachado, oferecendo-se-me logo o vice-reitor, Dr. Lopes, que estava presente, para dar cumprimento ao despacho, ainda a horas de seguir no comboio da tarde.

Única vez em que se mostrou afável para comigo, querendo comprar estima com cinismo, querendo levar-me a beijar a mão que me feriu, perfeito simulacro do ósculo traidor de Judas!

Atestou-me bom aproveitamento que não pedia, regular comportamento disciplinar, mas que revelei pelo meu comportamento religioso não ter vocação para o estado eclesiástico.

Mas quando? como revelei isso? Desprezou-se o tal advérbio, dando-se ao requerimento uma interpretação que pouco o honra e que bastante o compromete. Agora a demissória.

³⁷ (Sic.) — no original. Entenda-se, «para outro fim».

Alegais nesse documento por Vós transformado em libelo infamatório que não fui admitido por não ter vocação como declarei perante superiores (!!!) e porque escandalizei os meus companheiros com conversas irreligiosas.

Depois deste grande esforço de inventiva «como declarei perante meus superiores», podéis soltar a exclamação do sábio siracusano, mas em vez duma das leis que regem o mundo físico, teríeis descobrido uma lei que rege a mentira, a calúnia a que Vós tão dignamente tendes presidido, consciente ou inconscientemente, não me é dado sabê-lo.

Vindes com o escândalo que dei aos meus companheiros, como se eu, o mais novo deles, os pudesse doutrinar na irreligiosidade, como se eles fossem míseros dilatores e como se em meras questões de ocasião, em que as opiniões não são estáveis, como nas sabatinas, se pudesse vislumbrar hostilidade à ortodoxia da Igreja cujas decisões e doutrinas sempre respeitei e respeito, como filho obediente que me prezo de ser.

Não me admiro de que aproveitasseis essa cláusula que talvez a fecundidade da vossa imaginação vos ditasse, vós que havia três meses me tinheis dito que «a Igreja não precisa de sábios».

V

«Omnis enim qui male agiet odit lucem, et non venit ad lucem, ut non arguantur opera ejus.

Qui autem facit veritatem venit ad lucem, ut manifestentur opera ejus quia in Deo sunt facta».
S. João, Cap. III, 20-21.

Mandando passar uma demissória em condições tão desvantajosas para mim, quão vantajosas para Vós, só tivesseis em vista o rigoroso cumprimento daquela asserção que achais absolutamente harmónica com os preceitos da caridade evangélica de que Vós sois um modelo: «o aluno que sair deste Seminário nunca poderá entrar noutro», como se o homem, ainda o mais criminoso, não fosse susceptível de regeneração, e como se fosse consentâneo com uma consciência bem formada, como se fosse virtude, inventar moti-

vos, quando os não haja, para coonestar um tal procedimento, altamente significativo dum acto de força, a não ser que queirais sustentar que os fins justificam os meios.

Não terá para vós sentido a palavra consciência? Será para vós uma quimera, como para o blasfemo Bruto o era a virtude? Senhor, se a vossa missão é ensinar a verdade, não podeis ou não quereis ensiná-la a todos, porque aqui atraícoaste-la!

A vista de tal demissória que li e reli, pasmei de tanta audácia! Não pude compreender como pudéstes firmar com a vossa chancela, autorizar com a vossa assinatura, uma sentença vilipendiosamente condenatória, uma acusação que Vós sabeis ser absolutamente destituída de fundamento. Senão, dizei-o.

Eu mesmo, se prometeis despacho, faço um requerimento a pedir-vos que mandeis atestar onde, como e quando declarei aos meus superiores que não tinha vocação para a vida eclesiástica. Confessai antes, Senhor, que era audaciosa, a temerária e depois irrisória, a afirmação categórica que me fizestes, ao ler a relação dos excluídos, dentre os quais não tínhamos vocação, eu e o aluno Aprígio da Fonseca Barbosa. Foi acertada e excelente a escolha do meio de evitardes os justos reparos do público, porque, enquanto se não revele por actos afirmativos da repugnância pela vida sacerdotal, a falta ou mesmo ausência absoluta de vocação, ninguém sobre a terra poderá arriscar a afirmação de que qualquer candidato carece das necessárias disposições para dignamente entrar no sacerdócio, graça de que pouquíssimos são dignos, como diz o texto sagrado: «*nec quis quam sumit sidi honorem, nisi qui vocatur a Deo tam quam, faron*».

Que a concessão das sagradas ordens seja, como acabamos de ver, uma grande graça de que só são dignas as almas de eleição, estamos de acordo, mas que seja uma graça muito grande, como eu vos ouvi, ser admitido no Seminário, pagando tudo pontualmente e cumprindo regularmente com os deveres disciplinares e escolares é que me não parece uma graça muito grande nem muito pequena.

Além disso, que importa que um seminarista tenha ou não tenha vocação, quando ele não prejudique nem económica nem moralmente o Seminário que frequente, e quando

ainda está longe de receber as Ordens, ocasião em que todas as investigações, todas as diligências, são poucas?

Pois não se pode conceber como possível um aventureiro dotado de mau gosto de se internar num Seminário com o fim de adquirir os conhecimentos que lá se ministram?

Mas eu não estava nessas condições, como o tenho provado. Com aquele documento na mão, sob uma impressão profundamente triste, a mais triste que tenho sentido, dirigi-me à casa onde estava hospedado a dispôr as coisas para sair, como saí, nesse dia e lá vou encontrar dobrados, dentro da minha pobre mala, os artigos do uniforme eclesiástico que Vós quisestes que nunca mais servissem...

Olhei-os devagar e à vista deles, que foram os meus inseparáveis companheiros na messe da infamação, saía-me cada vez mais vibrante, cada vez mais agudo o brado que ouvistes dos meus lábios, que ontem repeti, hoje repito e sempre repetirei: «caluniaram-me; estou inocente!»

Algum tempo depois de chegar a casa de meu pai, desalentado e sem a mais leve esperança de aproveitar o ano lectivo, com essa estranha generosidade que é o mais nobre apanágio dos benfeitores, o Ex.^{mo} e Rev.^{mo} Sr. Dr. António José Boavida, digníssimo director do Real Colégio das Missões Ultramarinas, concedeu-me admissão às aulas naquele estabelecimento onde eu deveria concluir o meu modesto curso, ao abrigo da intriga beata e hipócrita que ainda lá não me poupou, como abaixo vereis; e muito estimo poder aproveitar esta ocasião de dar a sua ex.^a, bem como à ilustre direcção, pessoal docente e discente daquela casa, um público testemunho do meu perdurável reconhecimento pelas imerecidas deferências e inequívocas provas de consideração que todos me dispensaram. Chegado ali, fui informado de que não podia frequentar as aulas como matriculado, sem prévia licença do prelado da diocese (Portalegre) que devia primeiramente aceitar-me a demissória e, depois de tornado seu súbdito, me concederia a tal permissão.

Agourei logo mal da empresa e tratei de impetrar a licença para cuja concessão o prelado opôs resistência, claramente mostrando que não era hóspede no assunto como depois alguém me afirmou. Bastou para que pusesse de parte

a pretensão, certo como estava, de que seriam infrutíferos todos os meus esforços nesse sentido empenhados.

Regressei a casa e Vós tinheis ganhado mais um triunfo, triunfo do despotismo, do absolutismo tirânico, do mais forte, sobre a verdade, sobre a justiça, sobre a fraqueza dum desprotegido. Rejubilastes, Senhor, porque vistes realizado o vosso intento, satisfeita a vossa aspiração, porque a vossa política não se malogrou.

Mas, Senhor, não fostes só Vós a cooperar para esse feito. Lêde esta carta:

«Exmo Sr.

Dr. Boavida — Superior das Missões — Alpedrinha — Fundão.

(Carimbo da ambulância do Norte II de 26 de Dezembro de 903)

Exmo Sr.

Muito nos admira que V. Ex.^a ...auxilie o sr. José H. Raposo, rapaz sem crenças. Caprichoso até ao extremo, ele nada mais deseja do que mostrar ao Exm.^o Bispo da Guarda que tem quem não dêse crédito a puras verdades Se V. Ex.^a o atender no seu pedido, é mais um desmoralizador protegido, com o que muito terão a perder os alunos de Sernache.

Se V. Ex.^a se informar com o pessoal do Seminário da Guarda, verá tudo isto confirmado.

De V. Ex.^a att.^{os} criados os alunos do Seminário da Guarda».

Esta carta foi-me amavelmente cedida pelo Ex.^{mo} Sr. Dr. Boavida que me autorizou a fazer desta o uso que quisésse o que profundamente agradeço. Não possuo a outra do mesmo teor dirigida ao sr. Reitor do Colégio das Missões por ele a ter inutilizado logo que a leu, declarando que nunca daria conhecimento dela, se eu me não ausentasse, procedimento que dá bem a medida da estatura moral daquele ilustre sacerdote, carácter acentuadamente nobre e bom.

Creio tanto que Vós escrevesseis estas cartas como os pobres alunos a quem se não duvidou imputar um procedimento tão infame, porque a verdade é que os rapazes não têm coragem para tanto.

Além disso, as cartas foram lançadas na ambulância do norte II em 26 de Dezembro, quando todos os alunos estão em férias e é sabido que nenhum deles vive nos sítios em que circula aquela ambulância. E são estes os caracteres que Vós encontráis dignos da missão que desempenham?

Quando as coisas chegam a tais pontos, os mais eloquentes comentários são a narração singela e nua dos factos. É o que tenho feito.

VI

«Omnis enim qui male agiet odit lucem, et non venit ad lucem, ut non arguantur opera ejus.

Qui autem facit veritatem venit ad lucem, ut manifestentur opera ejus quia in Deo sunt facta»
S. João, Cap. III, 20-21.

Senhor,

Cheguei a supôr que se tivesse esgotado o explosivo à arma da calúnia que tão destramente tendes manejado, mas enganei-me: era inesgotável e cada vez mais mortífero.

Em férias de Páscoa espalhava-se por toda a parte de que Vós me tinheis negado a admissão no Seminário por posuírdes um maço, reparai bem, um maço de cartas amorosas, altamente comprometedoras para um seminarista, aluno de Teologia, e dirigidas a uma senhora, dizem-me que muito digna, a quem nunca conheci, nem conheço pessoalmente.

Estranhei o caso, apesar de nada mais significar do que uma manifestação progressiva da diplomacia seminarista, mas estranhei muito mais quando me disseram que fora arauto dessa boa nova, um virtuosíssimo ministro do altar, um modelar sacerdote, quase canonizado pelas multidões, um meu conhecido e quase patricio, o sr. padre João Fernandes Santiago, que, na avidez insaciável de vos agradar (*sic oportet*) e senhor do seu papel de propagandista de nobres ideais, não se cansava de recomendar a quantos conterrâneos meus podia ver, que dissessem sempre *aquilo* para salvar a dignidade do sr. Arcebispo, deixando ver claramente que era executor de uma ordem que não sei quem lhe deu,

a qual, destinando-se a salvar a vossa dignidade, devia pres-supô-la naufragada.

Estas foram as impressões que recebi no tempo em que julgava que Vós me tivésseis de todo esquecido, como objecto de pouco valor. Veláveis ainda pelo meu descrédito, se desacreditado se poderá chamar ao homem que teve a infelicidade de desagradar a dois indivíduos que foram depois os vossos mais fiéis sicários e de quem Vós me pareceis um instrumento vil, se vos não iluminasse a luz intensa duma superior inteligência. *Isto é formidável!* Mas se tais cartas existem, se sou eu o seu autor e signatário, como tão largamente se propalou, produzam os caracteres de autenticidade que deve ter qualquer documento e publiquem-nas, para que chegue ao conhecimento de todos que eu, em vez de cuidar ser um teólogo profundo e abalizado, era antes herói de aventuras amorosas de capa e ... batina, porque doutro modo não podiam ser.

Do que fica dito, cuja contestação não receio, como na primeira destas cartas declarei, fico eu e ficam todos autorizados a concluir:

1.º Que alegastes arbitrariamente (Vós mesmo mo confessastes em 4 de Agosto) como causa da minha exclusão no officio para o meu pároco, mau comportamento e pouca applicação.

2.º Que não podendo colher aquelas razões por serem antagonicas com o meu procedimento que foi também arbitrariamente classificado de regular e com o meu aproveitamento literário, recorrestes a outro motivo certamente mais forte — falta de vocação.

3.º Que, sendo irrisória e asnática uma tal informação que ninguém pode, nem deve fazer para não errar, viestes reforçá-la com a suposta declaração que fiz aos meus superiores de que não tinha vocação para o estado eclesiástico e com os escândalos de irreligiosidade, dados aos meus cinco companheiros.

4.º Que talvez iludido por algum dos muitos amigos meus e levado pelo desejo constante da triumphal vitória, encarregastes (?) os vossos satélites (e bem numerosos que eles

são) de pregar às turbas ígnaras dos vossos processos de conquistar renome, que fui um acelerado (*sic*) racionalista, um opugnador de dogmas e princípios religiosos, um Bruno, um fr. Savanorola, um sequaz de J. Huss e quiçá um ateu. Serei tudo o que vós quizerdes, mas Deus me livre de ser algum dia o que vós tendes sido para mim e para outros.

Numa luta tão desigual como esta não era preciso lançar mão dos últimos recursos para me levardes de vencida; bastava apenas dizer-me em voz baixa que não vos convinha no vosso Seminário, sem aduzirdes para justificar essa resolução motivo algum, e eu como sempre reconheci e hoje reconheço pela dura experiência, que é absoluta a vossa autoridade, podeis crer que tinha a coerência precisa para me conformar, sem um protesto, com as vossas ordens.

Actualmente frequento em Castelo Branco a 5.^a classe do curso dos Liceus, sem uma resolução assente da vida a seguir, porque Vós, quando eu supunha caminhar mais seguro, vos atravessastes na minha carreira e me fizestes retroceder, pondo ao vosso serviço todos os meios que julgastes adequados mas que nenhum deles o é, como fica provado, porque não é assim que se abusa do poder da autoridade de que nos investem, não é assim que se ataca um homem!

Não sou ainda o ímpio que Vós me supondes e queira Deus que nunca me aproxime do juízo que fazeis a meu respeito.

Não sou, mas posso vir a sê-lo. Hoje, sou apenas um lutador ardente por um ideal de paz e justiça, abandonado sem norte aos azares mais funestos que me esperam no futuro; mas se amanhã o for, sereis Vós e só Vós a causa principal dos meus ruinosos desvarios.

Por último um pedido: não me persigais outra vez, Senhor; deixai-me em paz; se ao passar me virdes alguma vez estender a mão à caridade pública, não vos aproximeis de mim, porque ainda então vos temo.

Sou fraco; a pena (afeita aos despreziosos temas escolares) treme-me a mão ao ter de desviá-la para tão áspero caminho.

Não posso defender-me no santo tribunal da imprensa com o aparato que o facto requer.

Relevará por isso a benevolência dos leitores os desprimores da linguagem de que tenho de usar para me defender, antes de delinquir, e que nas suas linhas gerais quer dizer:

Justiça! Justiça! Justiça!

S. Vicente da Beira

José Hipólito Raposo.

Carta aos meus ex-colegas Seminaristas da Guarda

Rapazes:

Gostei imenso de vos terem arvorado em caudilhos denodados da *verdade* na arena da imprensa para onde vos arrastou mão de *mestre* que ignora ou finge ignorar (reparai bem) o que deveis à minha prudência e amor do próximo (que aliás nunca me ensinaram no Seminário) para vos apresentar em público tão *iluminados pela ideia cristã* que, deslumbrados, assinastes em um documento, datado do Seminário, num dia em que lá não estaveis — 8 de Março, 4.^a feira de Cinza — e que me dá, como natural de Alpedrinha quando é certo que nenhum de vós ignora a terra da minha naturalidade.

Estes dois *lapsos* (naturalmente ides agora assim chamar-lhes) bastar-me-iam para recusar ao primeiro aspecto um tal documento, como espúrio, se tivesse de ver nele um desmentido oposto às minhas 6, e não 5, cartas, publicadas no *Combate*.

Mas não; os factos que ali exponho ficam de pé, porque assentam em provas sólidas, e eles, na impossibilidade de os destruir, mandaram-vos formar, engatilhar para mim à voz de comando as armas do insulto e da calúnia e desfechar, levados na convicção firme de que esta última é, diz um autor, como o carvão: quando não queima, suja, efeitos que no caso presente não logrou produzir, porque, tendo eu pelo menos tanto direito como vós, apesar de coroados, de ser acreditado pelo público, recai sobre vós a fundada suspeita

de obedecerdes, *perinde ancadavera*, às determinações ou mesmo aos simples desejos dos superiores.

Que eu não podia proferir esses insultos contra a classe sacerdotal que sempre me mereceu o maior respeito e acatamento, insultos que teriam lugar, se todos os membros dela fossem tão dignos como vós prometeis vir a sê-lo, prova-o o seguinte raciocínio:

Frequentes vezes me havieis de ter ouvido dizer, quando se tratava de apreciar o procedimento de certos pais que colocam os filhos entre Cila e Caríades no famoso dilema «ou padre ou cavador», que eu, apesar de pobre, não estava ali coagido pela família, que felizmente sempre encontrei disposta a proporcionar-me os meios de seguir livremente qualquer carreira compatível com os meus recursos, constituindo para mim a concessão generosa dessa liberdade um dos maiores benefícios que lhe devo.

Ora, não estando eu forçado no Seminário, podendo por isso abandonar sem dificuldades nem atritos, a carreira eclesiástica a que desde criança me dedicara e, não sendo a clausura e mais prescrições dum Seminário um passatempo muito agradável, mesmo para os que se contentam com pouco, não posso, ninguém pode descobrir motivos que me levassem, *dominado dum ódio inexplicável!* a insultar a classe eclesiástica, como vós viestes propalar, não sei se inconsciente se cinicamente.

E aí está como eu tinha vontade de me ordenar, como tinha vocação para o sacerdócio, talvez não tão angélica como a vossa, e a qual o sr. Arcebispo me fez perder, indirectamente acolitado por vós e directamente por outros.

Pois é preciso ser ilógico para crer que, se me repugnasse tanto como me era agradável o estado eclesiástico ou se ali me retivessem imposições de família, eu não julgasse a minha exclusão um benefício incomparável de que de modo algum vinha queixar-me, antes acudiria a agradecê-lo, com o mesmo cuidado com que me defendi e justifiquei duma injustiça que vós só agora deixais de reconhecer ...

Se *vaidade* na linguagem seminarista, que felizmente nunca cheguei a aprender, quer dizer independência de carácter, altivez de sentimento, franqueza, lealdade e insubserviência, não me arrependo de ter sido vaidoso e procurarei

sê-lo sempre; mas no sentido próprio da palavra não me acusa a consciência de o ter sido, desprezando assim os bons exemplos que tinha e agora tenho no Seminário e suas dependências ...

Enquanto às relações amorosas que eu cultivava tanto ou ainda menos que vós, peço-vos atenção para a VI das minhas cartas.

Para terminar uma pergunta:

Também fostes vós os autores de duas cartas anónimas, dirigidas pelos alunos do Seminário às autoridades do Colégio das Missões, nas quais se protestava contra a minha admissão ali?

Agradece-vos a resposta o ex-condiscípulo

José Hipólito Raposo.

Carta segunda e última aos meus ex-colegas Seminaristas da Guarda

Rapazes:

Depois da imerecida satisfação que dei ao vosso insultuoso pasquim na parte que me diz respeito, resta-me apresentar umas ligeiras considerações que serão porventura o epílogo ou remate da legítima defesa que a consciência me impôs. — Sendo a causa determinante da minha exclusão do Seminário as minhas opiniões e conceitos acerca de padres e religião, com cujas manifestações tantas vezes perturbei (quando me preza!) os arroubos místicos, as conversas amenas e profundamente edificantes a que os vossos espíritos de ascetas bem mostram estar afeitos, ninguém, senão vós, podia informar o Prelado desses maus desatinos. Disto facilmente convencidos vós e o público, que mais direi? Insultos, injúrias, impropérios que me enlameiam?

Não, porque não tenho e prezo a minha dignidade e quem se preza não desce até onde vós tendes descido; quando assim o insultam, foge de nojo!

Que traístes os deveres de lealdade, de amizade, de amor ao próximo? Oh! Não, porque isso seria caluniar-vos atrozmente, vós que só conheceis dois que bem se encerram num: adular o Bispo sobre todas as *coisas* do seminário e prejudicar embora o próximo em proveito de vós mesmos.

Quando os adversários se matam, é então, mais que nunca, intolerável a cobardia de vir com eles terçar as armas.

Renuncio e dispenso toda a defesa, tenho até gosto em fazer a falsa confissão de ter proferido contra a religião e seus ministros os impropérios que me atribuí, contanto que todos saibam que fostes vós a causa eficiente da minha exclusão.

Assim reputados já dentro das paredes da escola, prevemos todos quão fecunda há-de ser a semente evangélica, por vós lançada do púlpito da verdade, do doçura e do amor, para o terreno das consciências encadescidas pelo vício e pelo crime ...

Vosso profundo e eterno admirador

José Hipólito Raposo.